

A Cartografia Sensorial dos Aromas do Centro de Goiânia**The Sensory Cartography of Aromas in the Center of Goiânia**Jorge Rodrigues Ataides Junior¹Pedro Alcantara Cavalcante Neto²Ivanilton José de Oliveira³**Resumo**

Esse artigo tem como objetivo realizar a cartografia dos aromas do centro de Goiânia (GO). Partiu-se da ideia de problematizar os sentidos dessa espacialidade nos processos de mapeamento das paisagens urbanas. Tais reflexões foram ancoradas na perspectiva de cartografias sensoriais que permitissem o acesso a outros modos de mapear as paisagens, a exemplo do uso do sentido do olfato, transcendendo, assim, o âmbito da visibilidade. Para tanto, foi realizado um trabalho de campo pela área central da cidade, num trajeto de 2,4km, com o registro dos aromas em 42 locais. Os dados finais foram classificados em 3 categorias: “Aromas agradáveis”, “Aromas da natureza” e “Aromas desagradáveis”, posteriormente representados numa base cartográfica tradicional e, também, numa modelização por meio de Coremas. Os resultados ressaltam a possibilidade de revelar uma paisagem olfativa, que variou dos aromas agradáveis ou de natureza na parte sul do trajeto, aos aromas desagradáveis na parte norte, como reflexo das diferentes formas de uso e apropriação dos espaços urbanos. Através dessas outras “lentes”, podemos enriquecer as informações sobre a percepção da cidade e gerar novos insumos para a sua gestão.

Palavras-Chave: Paisagem Urbana; Cartografias Plurais; Cartografia Sensorial.**Abstract**

The aim of this article is to map the aromas of downtown Goiânia (GO). It was based on the idea of problematizing the meanings of this spatiality in the processes of mapping urban landscapes. These reflections were anchored in the perspective of sensory cartographies that allow access to other ways of mapping landscapes, such as using the sense of smell, thus transcending the realm of visibility. To this end, fieldwork was carried out in the central area of the city, along a 2.4km route, recording aromas in 42 locations. The final data was classified into 3 categories: “Pleasant

¹ Mestrando em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás. jorgejunior@discente.ufg.br. <https://orcid.org/0000-0002-7431-4710>.

² Mestrando em Geografia, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás. pedro.alcantara@discente.ufg.br. <https://orcid.org/0009-0004-8060-322X>.

³ Professor Titular, Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás. oliveira@ufg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2718-6947>.

aromas”, “Aromas of nature” and “Unpleasant aromas”, which were then represented on a traditional cartographic base and also modeled using Coremas. The results highlight the possibility of revealing an olfactory landscape, which varied from pleasant or nature aromas in the southern part of the route, to unpleasant aromas in the northern part, as a reflection of the different forms of use and appropriation of urban spaces. Through these other “lenses”, we can enrich the information on the perception of the city and generate new inputs for its management.

Keywords: Urban Landscape; Plural Cartographies; Sensory Cartography.

Introdução

O olfato é o primeiro órgão dos sentidos a se desenvolver. Os cheiros possibilitam perceber, identificar e criar uma diversidade de percepções sobre os lugares, as paisagens, os espaços geográficos. Contudo, ele é um sentido subestimado, especialmente nos estudos da Geografia, em que temos a prevalência de uma definição simplista de que a paisagem é tudo o que se vê. De tal sorte, podemos perceber as paisagens, como aquelas das cidades, não só pelo olhar, pois também escutamos, tateamos, degustamos e cheiramos.

Com base nessa premissa, buscamos uma primeira aproximação com a ideia de como os cheiros e aromas vêm sendo adotados nas abordagens geográficas. Afinal, quais são as geografias envolvidas pelo olfato? Logo, entusiasmados com o que o olfato poderia revelar sobre os ambientes urbanos por meio das representações cartográficas, objetivou-se realizar, a partir de uma caminhada olfativa (*smellwalks*), o mapeamento dos aromas do centro da capital do estado de Goiás, Goiânia. Para tal, foi realizado um trabalho de campo no centro da cidade no dia 13 de julho de 2024, em um percurso de aproximadamente 2,4 km, das 8:00h às 10:30h de uma manhã fria, com ar seco e vento moderado de 26 km/h.

Em relação às abordagens teórico-metodológicas, a concepção inicial da Cartografia dos Aromas parte da pesquisa *Smelly Maps: The Digital Life of Urban Smellscapes*, realizada por Daniele Quercia, Rossano Schifanella, Luca Maria Aiello e Kate McLean (2015), que analisaram os aromas em diversos lugares do mundo a partir de *smellwalks*, ou seja, caminhadas olfativas.

Assim, cientes de que as cartografias dos sentidos podem ser traduzidas por diferentes registros, símbolos e gestos e em busca de explorar a potencialidade de diferentes perspectivas de

representação do espaço geográfico, aqui tido enquanto dimensão social (Fonseca, 2004), as metodologias cartográficas desse estudo envolvem, de forma dialógica, a Semiologia Gráfica, a Cartografia Social e a Modelização Gráfica.

Para representar, independente do tema, é preciso recorrer a uma simbologia específica, cujas regras para tal escolha pertencem ao domínio da Semiologia Gráfica, desenvolvida por Bertin em 1967. Segundo Archela e Théry (2008), a Semiologia Gráfica está relacionada tanto às teorias sobre formas e sua representação, quanto às teorias da informação. Quando aplicada à cartografia, essa abordagem ajuda a analisar as vantagens e limitações dos símbolos cartográficos, possibilitando a criação de regras para o uso racional da linguagem gráfica, que é baseada na ideia de que as relações entre os signos são a essência do processo de comunicação.

Já para a Cartografia Social, como descrito por Gomes (2017), não se trata apenas de representar a localização e distribuição dos fenômenos, mas de expressar as dimensões sociais, culturais e subjetivas de um território. Logo, ao mapear os aromas, exploramos uma abordagem sensorial (olfativa) que é subjetiva/intersubjetiva.

Cientes de que os mapas exercem uma influência social (Harley, 2009), dentre as várias formas de representação e análise do espaço, também trabalhamos, enquanto tratamento pós-cartográfico, com a modelização gráfica ou Coremática, que é um método de análise espacial/regional o qual nos permite trabalhar com diferentes escalas, envolvendo aspectos sociais, econômicos e ambientais (Théry, 2004).

Os modelos da Coremática são construções que passam por simplificações e abstrações, tendo como uma de suas principais utilidades serem produtos comunicáveis por terem uma forte expressão gráfica, que, contudo, supõe que tenhamos enquanto parâmetro as regras da Semiologia Gráfica (Théry, 2004; 2005). Logo, o que se deve ter em mente é que mapas e coremas são representações que se complementam, e que juntos nos ajudam a pensar a realidade complexa de determinado fenômeno espacial (Théry, 2004; 2005), como os aromas do centro de Goiânia.

Antes de prosseguirmos, cabe reiterar que, conforme já exposto, a motivação deste estudo parte da necessidade de refletirmos sobre como as pessoas interagem com o ambiente urbano de Goiânia, e como, a partir de uma abordagem cartográfica sensorial, podemos tentar revelar informações sobre os usos desse espaço.

O que o olfato pode revelar sobre o centro de Goiânia?

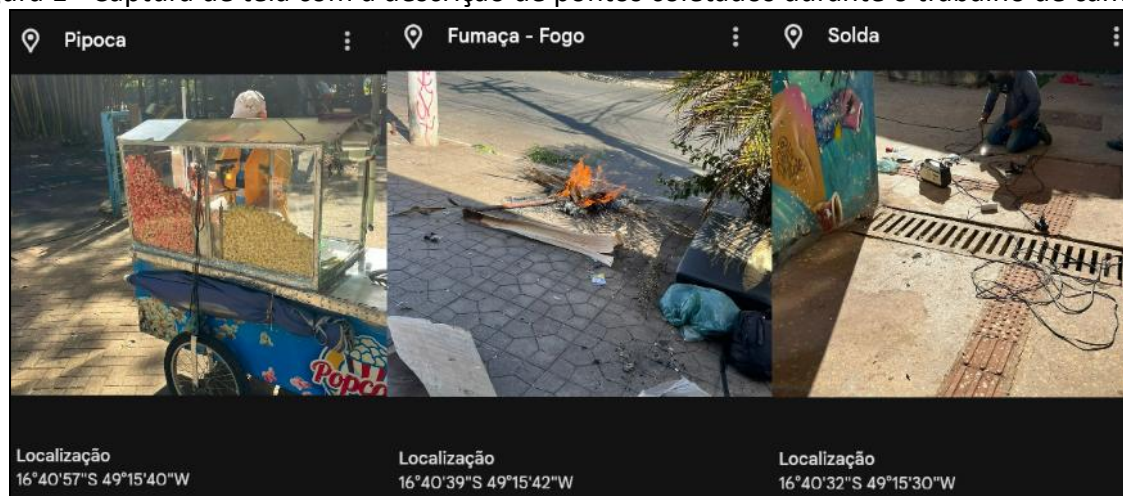
O ponto de partida que escolhemos para esta investigação não é inocente, todavia, a ideia que se tem quando falamos de cartografias plurais no contexto deste texto é a de que a espacialidade vivida por esses sujeitos sociais é essencialmente qualitativa, subjetiva, topológica, e que essa não deve ser sucumbida por espacialidades quantitativas e topográficas (Breda, 2021).

Afinal, quando discutimos representação na Cartografia e, especialmente o espaço, percebemos que não há uma cisão tão explícita, por isso defendemos o pensamento do acréscimo para que não tenhamos um empobrecimento das possibilidades de representação espacial. Desta forma, trata-se de uma postura contrária a uma eminente fragmentação e oposição entre as cartografias. A ideia que se deseja passar é que o topológico e o topográfico coexistem no mesmo espaço, e podem ser mobilizados cartograficamente de igual forma, de modo que um não tenha mais importância que o outro.

Logo, cabe aqui adicionar novas mediações, pois ao discutirmos um movimento cartográfico contemporâneo que não exclui, isto é, um fazer cartográfico para além das formas tradicionais euclidianas, pensamos: qual metodologia seria possível mobilizar para dar conta de tantos sentidos a serem cartografados que, por sua efemeridade, constantemente se redefinem?

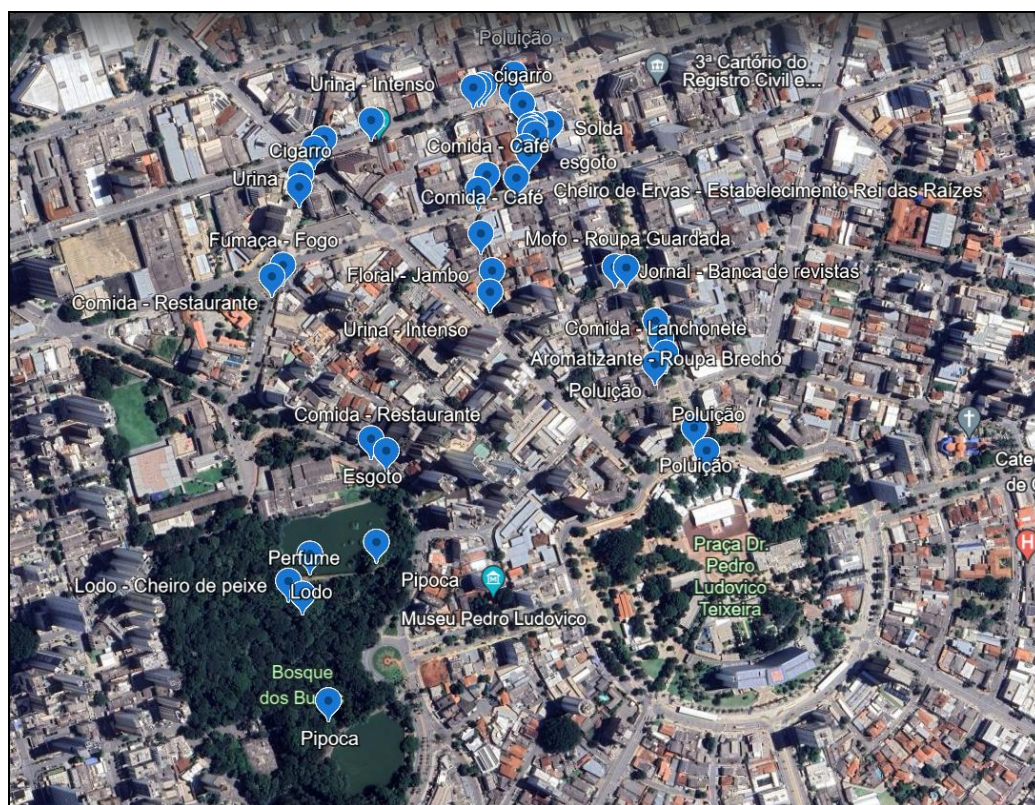
O *Google Earth* foi a ferramenta utilizada para coletar os dados durante o campo. A escolha do software se deu pela usabilidade da ferramenta, com a possibilidade de armazenar a localização exata, anexar imagens para melhor ilustrar os pontos e exportar o arquivo em formato KML, para posteriormente permitir o trabalho com os pontos georreferenciados no sistema de informação geográfica QGIS. A Figura 1 ilustra alguns pontos coletados e a Figura 2 demonstra a localização dos pontos que nos auxiliaram na construção do mapa.

Figura 1 - Captura de tela com a descrição de pontos coletados durante o trabalho de campo.



Fonte: Google Earth. Elaboração dos autores (2024).

Figura 2 - Captura de tela com todos os pontos coletados no trabalho de campo.



Fonte: Google Earth (2024).

Ao todo, foram coletados 42 pontos durante o percurso realizado, de modo que em cada um deles armazenamos o máximo de informações possível. Para facilitar a identificação do que seria evidenciado, dividindo os aromas em três categorias: “Aromas Agradáveis”, “Aromas da Natureza” e “Aromas Desagradáveis”. Essa classificação teve o objetivo de facilitar a generalização das informações e a construção do mapa, objetivando deixar a representação com uma comunicação clara para o leitor.

Vale enfatizar que, após o tratamento e simplificação das informações coletadas, foi preciso descartar certos registros, em função da proximidade espacial e similaridade das características olfativas, o que redundou, no final, em um total de 20 pontos. Ademais, depois de organizar os dados, foi o momento de construir o mapa através com o uso do *software* QGIS. Para tanto, utilizamos dados dispostos no IBGE a fim de representar a base cartográfica.

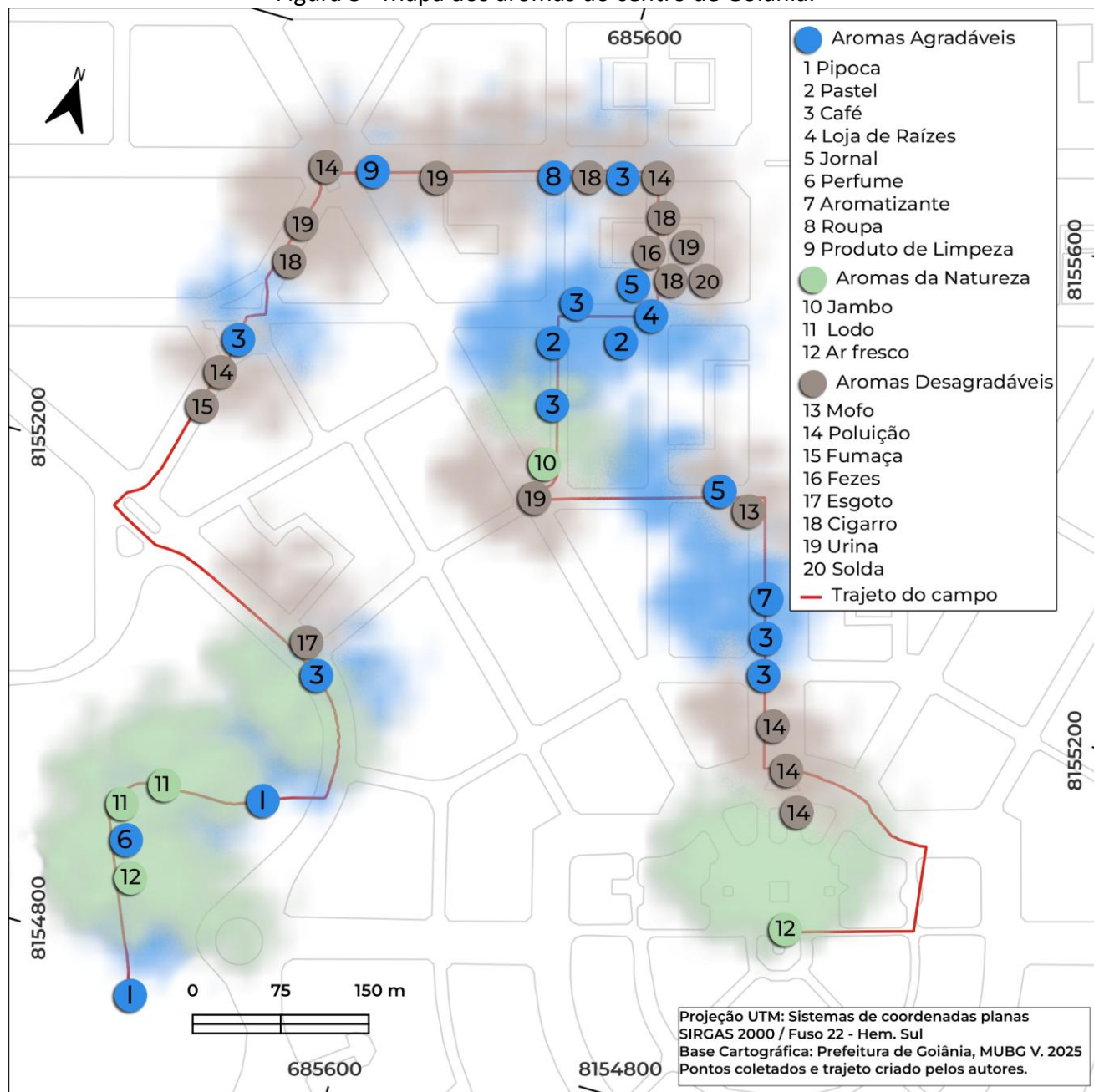
Por meio do Google Earth foi possível exportar os pontos e o trajeto do trabalho de campo em um arquivo KML, para importação no QGIS. A finalização do layout, no que se refere às cores, efeitos visuais e gráficos, conforme apresentado nas Figuras 3 e 4, se deu a partir de manipulações no *software* Photoshop. Contudo, mantivemos as informações georreferenciadas, bem como a escala, a orientação e inclusive a legenda, conforme estavam no *software* de informações geográficas.

Como observado por Archela e Théry (2008), para criar mapas com qualidade, muitas vezes é necessário utilizar mais de um *software*, incluindo, por exemplo ferramentas de design gráfico. Nesse sentido, é fundamental que o construtor do mapa domine as regras cartográficas, como a escolha correta das variáveis visuais e dos modos de implantação, conforme a natureza das relações que se deseja expressar visualmente. Desta forma, é preciso superar as limitações técnicas da produção, pela ferramenta escolhida, para a elaboração de mapas que comuniquem de forma clara, direta e sem ambiguidade.

Cabe esclarecer que o processo criativo das representações se baseou, também, no mapa olfativo de aromas naturais e artificiais de Barret (2015) elaborado para um concurso cartográfico,

em 2015, pela equipe de arquitetos do estúdio de design gráfico Annie Barrett, para a área ao redor do Canal Gowanus, localizado no bairro do Brooklyn em Nova Iorque.

Figura 3 - Mapa dos aromas do centro de Goiânia.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Durante a caminhada olfativa, percebemos que os aromas encontrados no trajeto pelo centro de Goiânia provocaram múltiplas experiências e acessaram diversas memórias, como, por exemplo, o aroma agradável do carrinho de pipoca no Bosque dos Buritis, o aroma desagradável de fumaça do lixo queimado por pessoas em situação de rua ou ainda o forte aroma da solda manuseada por trabalhadores no Beco da Codorna.

Todas essas vivências olfativas, sejam elas agradáveis ou não, estão repletas de informações que revelam como as pessoas interagem com o centro de Goiânia, descortinando os usos e apropriações desses espaços, muitos até então ainda não apreendidos pelos próprios pesquisadores, que juntos foram compartilhando impressões da rica observação dessas paisagens olfativas.

Além disso, deve-se notar a efemeridade e a subjetividade dessas percepções e as implicações delas nos produtos cartográficos. Nossa experiência esteve localizada no aqui/agora e, muito possivelmente, outras pessoas que tenham feito o mesmo trajeto, no mesmo dia e hora da semana, tenham tido uma percepção potencialmente distinta – já que a relação sensorial com o espaço é filtrada de diversas maneiras por cada sujeito, por meio de generalizações, simplificações, associações ou mesmo distorções (Munari, 1997).

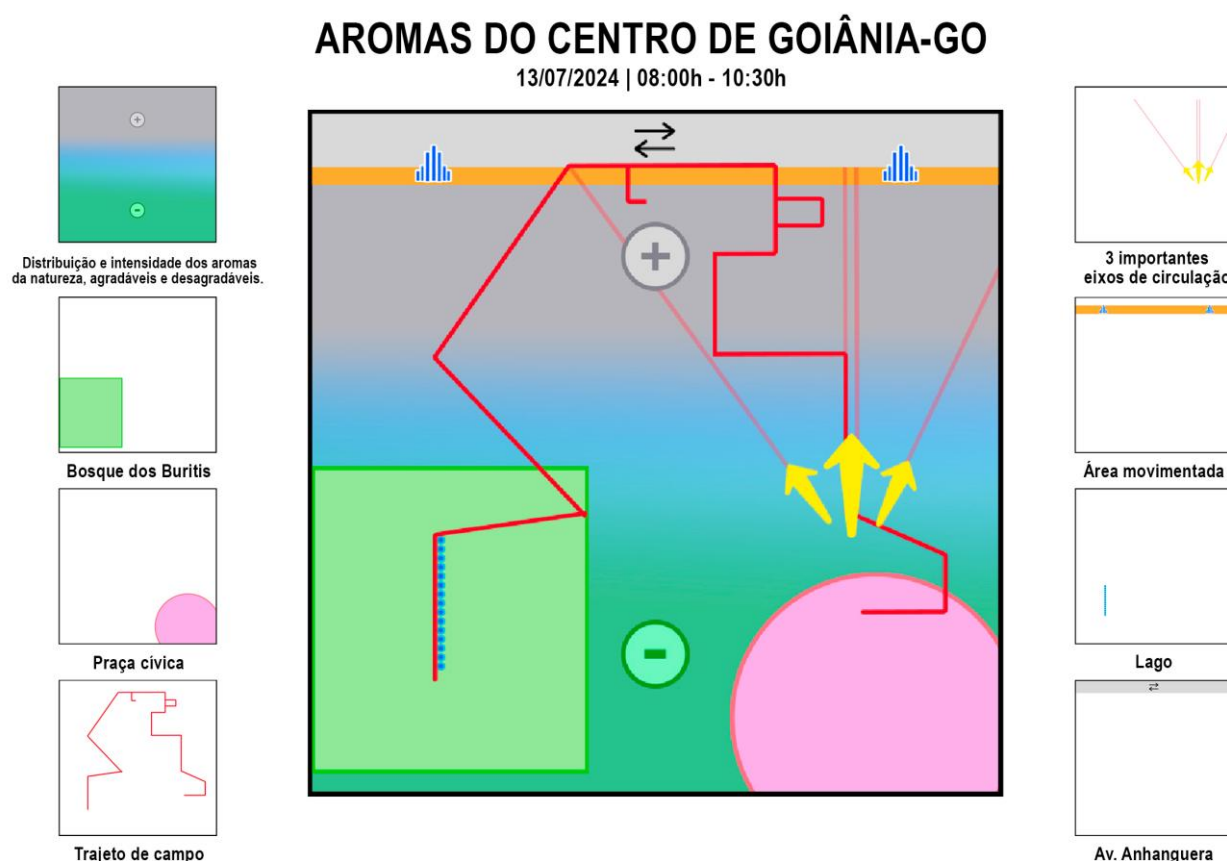
Isso abre a possibilidade de discussão para uma diversidade de contextos e suas respectivas contribuições para a leitura geográfica do espaço. Afinal, o que esses três grupos de aromas nos instigam a pensar e, possivelmente, compreender sobre essa centralidade urbana? Para avançarmos nesse sentido, em busca de respostas, enquanto tratamento pós-cartográfico, escolheu-se, aqui, modelizar os aromas do centro de Goiânia, de forma a permitir uma leitura que sintetizasse essa complexa relação sensorial. Desta forma, foram elaborados modelos elementares para a área analisada por meio de sínteses das variáveis tratadas anteriormente no mapa euclidiano.

Esse procedimento resultou em 8 modelos elementares (Figura 4), representando: 1) a distribuição e intensidade dos aromas de natureza, agradáveis e desagradáveis (ilustrados nas representações com as cores verde, azul e cinza, respectivamente); 2) o Bosque dos Buritis; 3) a

Praça Cívica; 4) o trajeto de campo; 5) os três importantes eixos de circulação (as avenidas Tocantins, Goiás e Araguaia); 6) a área movimentada de comércios e serviços; 7) o lago do Bosque dos Buritis; e 8) a Avenida Anhanguera.

Vale ressaltar que essa representação, bem como a de fundo euclidiano, é uma elaboração específica, que não se aplica como molde para outras realidades. Logo, a modelização, por sua vez, vem a ser um instrumento de análise do centro de Goiânia por meio das composições básicas elaboradas. A partir da junção dos oito modelos elementares, chegou-se ao modelo final, de síntese, para o referido trajeto realizado.

Figura 4 - Modelos elementares e o modelo de síntese dos aromas do centro de Goiânia.



Fonte: Elaborado pelos autores (2024).

Por meio desse trabalho de modelização, que se baseou em esquemas geométricos, foi possível constatar, como síntese da caminhada olfativa, que quanto mais ao norte de nosso ponto de partida – a Praça Cívica –, maior era a diversidade de aromas que foram sendo percebidos. No entanto, estes eram, na sua grande maioria, desagradáveis, como os odores de poluição, fumaça de cigarro, fezes e urina.

Entende-se que essa percepção se deu pelo fato de termos saído de uma área com pouco movimento e avançado para uma zona que sofre influência de três grandes eixos de circulação do centro de Goiânia, ou seja, as avenidas radiais Tocantins, Goiás e Araguaia, até onde elas são cortadas pela Avenida Anhanguera.

A Praça Cívica, marco zero da capital goiana e sede do Poder Estadual (nela fica localizado o Palácio das Esmeraldas, moradia oficial do governador do estado, e o Palácio Pedro Ludovico Teixeira, que funciona como centro administrativo estadual), embora apresente muito movimento em seu entorno, já que centraliza boa parte do fluxo de veículos que passam pela região central de Goiânia, é um espaço de pouca circulação ou permanência de pessoas – a despeito de ter ampla área livre, com boa cobertura vegetal, chafarizes e obras de arte expostas ao ar livre.

Já o triângulo formado pelas avenidas que partem dessa praça (Araguaia e Tocantins) e a Avenida Anhanguera, tendo a Avenida Goiás como sua bissetriz, compõe uma região que concentra uma grande movimentação de pessoas e veículos, dentre eles dois BRTs (da sigla em inglês para *bus rapid transit*, ou sistema de ônibus de trânsito rápido), um que passa pela Avenida Anhanguera (sentido Leste-Oeste), a qual centraliza uma diversidade de comércios, principalmente do ramo alimentício e de varejo, e outro que vai pela Avenida Goiás (sentido Norte-Sul), via arterial que no passado foi a principal avenida da cidade e, atualmente, apresenta menor fluxo, como reflexo do movimento de descentralização do comércio e dos serviços e da própria deterioração do Setor Central.

Desta forma, há um claro contraste entre a Praça Cívica, espaço mais reservado, preservado e fiscalizado, e o triângulo comercial, onde os aromas de urina e lixo fazem ressaltar a degradação espacial, com inúmeros estabelecimentos comerciais fechados e a presença mais ostensiva de

peças em situação de rua nesta zona urbana. Um agravante, nesse ponto, é que, a exemplo de várias outras áreas da cidade, o Centro sofria com interrupções na rotina de coleta de resíduos sólidos no período em que o trabalho de campo foi realizado (meados do ano de 2024) – algo que ainda permanece como um problema não totalmente resolvido.

De forma contrária, quanto mais retornávamos ao sentido sul (Praça Cívica e Bosque dos Buritis – ponto final do trajeto), menor era a diversidade de aromas percebidos, sendo quase todos eles de natureza. O Bosque dos Buritis foi o primeiro parque urbano de Goiânia, incluído já no plano urbanístico original da cidade, como um parque linear que se estenderia ao longo do Córrego dos Buritis. Contudo, ele foi sendo bastante descaracterizado, com plantio de árvores exóticas, represamento e canalização do curso d'água e perdas de áreas, cedidas para edificações públicas e privadas (Mota, 2023). Apesar disso, o parque ainda representa a grande área verde no coração da cidade de Goiânia.

Logo, pode-se enfatizar que essa percepção de aromas de natureza se justifica pela presença das árvores, jardins e gramados concentrados especialmente no bosque, que reuniu aromas como ar fresco, de vegetação e mesmo de lodo, presente nas águas do lago. Os aromas agradáveis neste lugar se referiam principalmente ao perfume dos transeuntes e aos pontos de venda de comida, como os carrinhos de pipoca distribuídos pelo bosque.

Essas representações reiteram a aceção que se tem de que os mapas tornam o invisível visível, revelando assim um processo de leitura da paisagem para além do formal, que esteve atenta à multiplicidade de sentidos e formas do mundo contemporâneo. Assim, em busca de uma análise espacial que desenvolvesse o pensamento espacial e geográfico, ficou clara a articulação da localização dos aromas com os contextos das práticas socioeconômicas e culturais do centro de Goiânia.

Outra interface interessante desse estudo são as articulações que podem ser feitas entre os aromas sentidos no centro de Goiânia com a gestão e planejamento urbano da cidade, bem como ações de limpeza e manutenção por parte tanto da prefeitura quanto de conscientização da população, com a promoção de uma cultura de cuidado com os espaços públicos da cidade. Ou

seja, não há dúvidas de que esses aromas em sua diversidade nos instigam enquanto cidadãos questionarmos as formas de governamentalização dos modos de vida na produção coletiva da cena urbana de Goiânia.

No mais, sabemos que os aromas influenciam a percepção urbana, já que ela está intimamente relacionada à oferta de qualidades urbanísticas dos espaços públicos (Severini; Panosso Netto, 2022). Logo, os aromas de fezes, urina, esgoto e fumaça percebidos em campo, além de afetarem a experiência dos transeuntes, também impactam negativamente na hospitalidade urbana do centro de Goiânia, o qual concentra prédios históricos e espaços turísticos como o Beco da Codorna, que é um espaço comum a todos.

Para tanto, ao encararmos os mapas como construções sociais e culturais, assumimos a Cartografia enquanto um instrumento essencial para abarcar a complexidade e a dinâmica social, capaz de gerar imagens plurais e reveladoras que alçam no espaço outros fenômenos e, com eles, novas aproximações geográficas, estas muitas vezes à margem dos processos de representação cartográfica hegemônicos.

Ademais, há de se enfatizar o papel político explícito que essas representações possuem, já que elas além de trazerem imagens ligadas ao mundo vivido, seus usos e relações, também são instrumentos de conhecimento do espaço, úteis para o ler e entender, bem como exercitar a cidadania e formar cidadãos a partir de experiências do cotidiano.

Conclusão

É certo que as análises desenvolvidas neste estudo tentaram contribuir para uma Cartografia que seja capaz de representar as paisagens a partir de outros sentidos. Saímos da zona de conforto das grades geográficas enquanto caminhamos por novas possibilidades e fenômenos.

O olfato possibilitou perceber, identificar e criar uma diversidade de imagens do centro da cidade de Goiânia. O foco nas percepções mediadas pelos aromas se somou àquelas construídas pela visão e pelos sons, numa relação complexa de complementariedade, mas também, muitas vezes, de contraposição, já que uma imagem bela à visão podia, em certos pontos, ser acompanhada por odores muito desagradáveis ou sons agressivos aos ouvidos.

Cabe destacar, pois, que essa foi uma tentativa de contribuir para a definição de uma abordagem mais ampla das paisagens nos estudos de Geografia, mediada pela linguagem cartográfica – um campo do conhecimento tradicionalmente ligado à visão –, mas ancorada numa concepção de Cartografia dos Aromas.

A caminhada olfativa, aqui relatada, apresenta-se como uma estratégia metodológica, uma vez que a partir dessa cartografia sensorial podemos revelar outras informações sobre os usos do espaço geográfico e as relações que nele se dão, que vão abranger maneiras diversas se mapear e compreender as percepções acerca das paisagens – ampliando aquelas já consagradas, com foco no registro dos aspectos visíveis.

Desse modo, a potencialidade que se extrai do diálogo entre diferentes perspectivas de representação enriquece a compreensão das dinâmicas espaciais e sociais, permitindo uma análise mais abrangente dos fenômenos geográficos. Nas cidades, em especial, esses resultados podem se mostrar muito úteis ao planejamento, com a identificação de locais agradáveis ou desagradáveis à realização das práticas espaciais, como o acesso aos serviços, compras, lazer, turismo, circulação etc., por meio de variáveis que muitas vezes são negligenciadas ou ignoradas pelos gestores dos espaços urbanos.

Agradecimentos (opcional)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ARCHELA, R. S.; THÉRY, H. Orientação metodológica para construção e leitura de mapas temáticos. **Confins**, n. 3, 2008, p. 1-23. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/3483>. Acesso em: 04 ago. 2024.

BREDA, T. V. Mapas topológicos e topografias envolventes: reflexões epistemológicas para uma educação cartográfica plural. **Revista Ciência Geográfica**. ANO XXV - VOL. XXV, Nº 5 - JANEIRO/DEZEMBRO – 2021. Disponível em: https://www.agbbauru.org.br/revista_xxv_5.html. Acesso em 10 nov. 2024.

FONSECA, F. P. **A inflexibilidade do espaço cartográfico, uma questão para a Geografia**: análise das discussões sobre o papel da Cartografia. Tese (doutorado em Geografia), FFLCH – USP, 2004. 250 p. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-09082010-130954/pt-br.php>. Acesso em: 2 ago. 2024.

GOMES, M. F. V. B. Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 97-110, 2017. Disponível em: <https://www.revistaedugeo.com.br/revistaedugeo/article/view/488>. Acesso em: 02 ago. 2024.

HARLEY, J. B. Mapas, saber e poder. **Confins**, v. 5, p. 2-24, 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/agosto2011/geografia_artigos/6art_mapas_saber_poder.pdf. Acesso em 5 ago. 2024.

MOTA, A. F. R. As transformações do Bosque dos Buritis e a expansão da cidade de Goiânia. *Revista Nós: Cultura, estética e Linguagens*, v. 8, n. 1, p. 297-318, 2023. (Dossiê: Goiânia 90 anos e 20 anos do Tombamento de seu Acervo Arquitetônico e Urbanístico).

MUNARI, B. **Design e comunicação visual**: contribuição para uma metodologia didática. Trad. Daniel Santana. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 350 p.

QUERCIA, D., AIELLO, L., SCHIFANELLA, R.; MC LEAN, K. (2015). **Smelly Maps: The Digital Life of Urban Smellscapes**. Disponível em: <http://bit.ly/1JHcqQmL>. Acesso em 04 ago. 2024.

THÉRY, H. Modelização gráfica para a análise regional: um método. **GEOUSP Espaço e Tempo**, v. 15, p. 179-188, 2004. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%202/3-MODELIZA%C7%C3O%20GR%C1FICA.pdf. Acesso em 5 ago. 2024.

SEVERINI, V. F.; PANOSSO NETTO, A. Dádiva, cidadania e políticas públicas: aspectos essenciais para a consolidação da hospitalidade urbana / The Gift, Citizenship and Public Policies: Essential aspects for the consolidation of Urban Hospitality. **Revista Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2022. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/10479>. Acesso em: 1 maio. 2025.

THÉRY, H. Modelização gráfica para a análise regional: um método. **GEOUSP Espaço e Tempo**, v. 15, p. 179-188, 2004. Disponível em: https://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%202/3-MODELIZA%C7%C3O%20GR%C1FICA.pdf. Acesso em: 5 ago. 2024.

THÉRY, H. A dimensão temporal na modelização gráfica. **Geosp-Espaço e Tempo**, p. 171-184, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/255651030_A_DIMENSAO_TEMPORAL_NA_MODELIZACAO_GRAFICA. Acesso em 3 ago. 2024.